



## O Desenvolvimento da Narrativa Autista e Neurodivergente na Fanfiction “A Minha Cor por Você”: Implicações Pedagógicas e Inclusivas

### *The Development of Autistic and Neurodivergent Narratives in the Fanfiction “A Minha Cor por Você”: Pedagogical and Inclusive Implications*

**Vagner Pereira**

*Ivy Enber Chistian University. <http://lattes.cnpq.br/2709028757040283>*

**Resumo:** Este estudo analisa a fanfiction “A minha cor por você”, publicada na plataforma Wattpad por uma autora que se identifica como neurodiversa, investigando como a narrativa constrói representações do autismo e demais experiências neurodivergentes a partir de uma perspectiva inclusiva. O estudo parte de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e netnográfica, articulando referenciais da neurodiversidade (Singer; Walker) com contribuições da educação inclusiva (Mantoan; Skliar) e da pedagogia dialógica (Freire). A fanfiction é examinada como prática cultural e midiática que produz sentidos sobre identidade, sensorialidade e afetividade, apresentando o personagem Jungkook — um homem autista — por meio de metáforas como o “espectro de cores”, que ressignificam o autismo como diversidade, e não como déficit. As análises evidenciam que a autora mobiliza elementos literários, simbólicos e discursivos capazes de promover empatia, compreensão e visibilidade de sujeitos neurodivergentes. Também são discutidas cenas que ilustram desafios sociais, sensoriais e comunicativos associados ao autismo, e como elas dialogam com princípios de inclusão, mediação e acessibilidade. Conclui-se que fanfictions como esta operam como dispositivos pedagógicos e culturais que favorecem alfabetização midiática, educação emocional e construção de representações positivas da neurodiversidade, sendo potenciais ferramentas para práticas educativas contemporâneas sensíveis à diferença.

**Palavras-chave:** fanfiction; neurodiversidade; autismo; inclusão.

**Abstract:** This study analyzes the fanfiction “A minha cor por você,” published on Wattpad by an author who identifies as neurodiverse, examining how the narrative constructs representations of autism and other neurodivergent experiences from an inclusive perspective. The study adopts a qualitative, bibliographic, and netnographic approach, articulating the neurodiversity framework (Singer; Walker) with contributions from inclusive education (Mantoan; Skliar) and dialogical pedagogy (Freire). The fanfiction is examined as a cultural and media practice that produces meanings about identity, sensory experience, and affectivity, portraying the autistic character Jungkook through metaphors such as the “spectrum of colors,” which reframe autism as diversity rather than deficit. The analysis highlights how the author mobilizes literary, symbolic, and discursive elements to foster empathy, understanding, and visibility for neurodivergent subjects. Scenes depicting sensory overload, communicative challenges, and emotional expression are discussed in light of inclusion, mediation, and accessibility. The study concludes that such fanfictions operate as pedagogical and cultural tools that promote media literacy, emotional education, and positive representations of neurodiversity, offering potential contributions to contemporary educational practices oriented toward diversity and inclusion.

**Keywords:** fanfiction; neurodiversity; autism; inclusion.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar a *fanfiction* (ficção escrita por fãs) “A minha cor por você”, escolhida por ser a única em que a autora se autointitula neurodiversa em sua biografia do *Wattpad*. Também foi escolhida por ser a mais curtida, mais comentada e por já ser uma *fanfiction* “finalizada” (ou seja, não estava como “em andamento”, não teria mais capítulos publicados no decorrer do estudo).

*Fanfiction*, enquanto gênero literário digital, constitui espaço privilegiado para observar como sujeitos reescrevem identidades, negociam representações e produzem discursos sobre si. Quando esse espaço é ocupado por autores neurodiversos, abre-se a possibilidade de analisar como a própria experiência neurodivergente é narrada, simbolizada e compreendida socialmente.

A autora, que aqui assina como NoOdle (2023), tem em sua biografia o escrito “Neurodiversa, 30 anos”, não contém fotografia como imagem, portanto mantém o anonimato. A *fanfiction* escolhida para análise, “A minha cor por você”, até outubro de 2025, estava com 15,6 mil leitores e 1,8 mil curtidas em seus 20 capítulos totais, colocada como encerrada/finalizada.

O conceito de neurodiversidade emergiu no final da década de 1990, inicialmente no âmbito de movimentos sociais liderados por pessoas neurodivergentes, como indivíduos autistas. O termo foi cunhado por Judy Singer (1999), uma socióloga autista, e propõe uma perspectiva que valoriza as diferenças neurológicas como parte da diversidade humana, em vez de considerá-las apenas sob a ótica de deficiência ou desordem. A neurodiversidade, assim, enfatiza a necessidade de repensar paradigmas tradicionais de normalidade e desvio, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças.

A *fanfiction* é livre para todos os públicos e é do universo de K-Pop, do grupo BTS. Seus personagens principais são Kim Taehyung, Jeon Jungkook e Park Jimin, os três integrantes do grupo BTS. “Jikook” é o nome do ship (que vem da palavra “relationship”, em inglês) de Jimin com Jungkook, ou seja, o texto terá como foco fazer com que os dois personagens fiquem juntos.

BTS (Bangtan Sonyeondan, ou “meninos à prova de balas”, em uma tradução livre) é um grupo de K-Pop criado pela HYBE Corporation em 2013. Seus integrantes são, por ordem de idade: Jin (SeokJin), Suga (Yoongi), RM (Namjoon), J-Hope (Hoseok), V (Taehyung), Jimin (Park Jimin) e JK (Jungkook).

A *fanfiction* é dividida em 20 capítulos, mas entre eles existem algumas subdivisões. A história é subdividida em introdução, com fotos dos personagens que aparecerão durante a história; prólogo, com uma primeira narrativa inicial; e um total de 18 capítulos.

O principal objetivo deste estudo é analisar a *fanfiction* “A minha cor por você” como uma narrativa educacional inclusiva, investigando seu potencial como instrumento de alfabetização midiática e espaço de representação de sujeitos neurodiversos e de grupos minoritários. Como objetivos específicos, esse estudo propõe: (1) identificar como a *fanfiction* representa o autismo e a neurodiversidade

em seus personagens e discursos; (2) analisar os recursos literários, simbólicos e narrativos utilizados para construir essas representações; (3) examinar as implicações pedagógicas e inclusivas dessas narrativas no campo da educação e da alfabetização midiática; (4) discutir como a *fanfiction*, enquanto prática digital, pode atuar como dispositivo de formação crítica e empática.

Diante disso, o presente estudo busca responder: como a *fanfiction* “A minha cor por você” constrói discursivamente a experiência neurodivergente e quais implicações pedagógicas e inclusivas emergem dessa representação?

## RESUMO DA HISTÓRIA ESCRITA

A partir deste item, será feito um resumo rápido de cada capítulo somente para compreensão do que se trata a história, no entanto os detalhamentos e análises mais profundas serão feitas posteriormente.

Durante a introdução com personagens, como já foi dito anteriormente, a autora somente apresenta os personagens com imagens e traz um pouco de quem são eles. Já no prólogo, acontece todo o começo da história, que está na sinopse: Jungkook vê Jimin realizando uma apresentação de teatro pela primeira vez em um semáforo e pergunta para seu secretário sênior quem é esse menino.

No capítulo 1, a história realmente dá início, com todos os personagens indo para um Pub, inclusive Jungkook e Jimin. Uma mesa mais afastada da música é escolhida, e Jungkook troca algumas palavras com o loiro Jimin, o que causa espanto nos amigos de infância de Jungkook, que dizem que foi a “maior interação” que ele teve no mês inteiro – ainda não é explicado o motivo.

O capítulo seguinte conta a volta de carro de Jimin e de seu melhor amigo (e secretário de Jungkook), Taehyung, em que Jimin conta que pegou o contato do celular de Jungkook. É somente no capítulo 3 que o leitor compreende que Jungkook é autista e tivera uma noite especialmente difícil no pub com tanta “interação social”, mas que ainda teria que interagir um pouco mais, pois recebera mensagens de Jimin o convidando para tomar café da manhã em uma padaria.

Em “Definitivamente a culpa foi do café”, Jungkook acaba conversando mais do que achava que conversaria durante seu primeiro encontro na padaria, e Jimin o convida para ir em um de seus treinos de teatro. Os próximos 3 capítulos são pontos de vista diferentes de como Jungkook chegou ao treino do teatro: o capítulo 5 é o ponto de vista de Taehyung, que saiu mais cedo do trabalho para ir ao ensaio, o capítulo 6 é o ponto de vista do próprio Jungkook, que estava muito ansioso e com “borboletas” no estômago, e o capítulo 7, que é o próprio “sketch” de drama que fazem no teatro, ele e Jimin, juntos. A aula de teatro fez com que Jungkook pudesse se soltar e se expressar. E no dia seguinte, no próximo capítulo, os dois continuaram com a troca de mensagens ainda mais intensa e ficou combinado que Jimin iria assistir um filme na casa de Jungkook na noite do próximo dia.

O capítulo 9 se passa na casa de Jungkook, que abre um vinho e coloca dois filmes para o casal principal assistir. Jimin dorme lá e os dois passam a noite juntos,

o que acarreta continuações, no capítulo 10 e 11, um sobre as tatuagens que ambos tinham e o outro sobre uma reflexão, enquanto estão deitados na cama juntos, do que são. Jungkook afirma ser neurodivergente (autista) e pansexual, e Jimin não tem certeza do que é.

O capítulo 12 se trata da discussão entre Taehyung e Jimin sobre Jimin estar saindo com Jungkook e não ter conversado sobre isso com o melhor amigo. Enquanto Jungkook, no próximo capítulo, vai a uma apresentação de teatro oficial de Jimin e não tem certeza do que está sentindo, então durante os capítulos 14 e 15, faz uma apresentação de slides para mostrar aos amigos (e também donos da empresa Soul) sobre o que poderia estar sentindo. Jimin vê a apresentação e eles acabam trocando mais mensagens e marcando o que seria um “encontro oficial” entre os dois.

No penúltimo capítulo, Jimin e Jungkook saem para um restaurante, jantam e vão para a casa de Jimin, onde tiram fotos e ficam juntos mais uma vez. No último capítulo, Jungkook explica que apesar do autismo ter várias cores para vários significados, ele tem somente uma cor para o que sente para o Jimin.

Apesar desta primeira descrição dos capítulos, é necessário fazer uma primeira análise do personagem neurodivergente, Jungkook, junto com o contexto e a própria história, antes de entrar na Análise pedagógica mais aprofundada.

A Fanfic traz uma abordagem sobre autismo muito parecida com a que foi apresentada por Judy Singer no conceito de neurodiversidade. Principalmente ao trazer, no “Capítulo 11 – O que sou? ”, a descrição de neurodiverso como uma palheta de cores, o que será mais explicado posteriormente nesta tese. Jeon Jungkook, um dos personagens principais da história (junto com Park Jimin), é autista e se apresenta como neurodivergente. Mais de uma vez, o personagem (e a autora) explica o autismo como um arco-íris. O personagem de Jungkook é formado em comunicação, com mestrado na área e realizando doutorado em Ciência da Comunicação. Com 26 anos, é chefe da área de Marketing da empresa Soul Tecnociência, em Seul (Coreia). É pansexual e tem interesse romântico por Park Jimin, que é ator e cantor de teatro nesta fanfic.

## **METODOLOGIA E IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE**

A metodologia adotada neste estudo é de caráter qualitativo e teórico-bibliográfico, entendida como um procedimento de pesquisa que toma como fontes principais livros, artigos científicos, teses, documentos oficiais e produções teóricas relacionadas à alfabetização midiática, cultura participativa e educação inclusiva. No interior dessa abordagem bibliográfica, desenvolve-se uma revisão de literatura, isto é, um processo de leitura crítica, seleção, organização e análise interpretativa das contribuições dos autores que fundamentam o debate sobre narrativas marginalizadas e práticas educativas digitais.

Assim, a pesquisa bibliográfica constitui o método de investigação, enquanto a revisão de literatura configura a etapa analítica em que essas produções são

sistematizadas e discutidas. Essa distinção permite explicitar que o estudo não apenas consulta fontes, mas mobiliza seus aportes teóricos para construir uma interpretação integrada do tema.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite “analisar e discutir ideias, conceitos e contribuições presentes em produções teóricas, de modo a fundamentar e construir novas compreensões sobre o objeto de estudo”. Assim, o presente estudo articula um conjunto de obras e documentos que possibilitam compreender a potencialidade da fanfiction como prática educativa emancipatória, favorecendo processos de letramento, autoria e inclusão.

A leitura crítica dos textos foi orientada por uma abordagem inspirada em Paulo Freire (1996, 2005), para quem o ato de ler o mundo precede o ato de ler a palavra. A escolha da revisão bibliográfica como método, portanto, se configura como prática de reflexão e transformação, permitindo compreender como os discursos sobre educação, linguagem e diversidade se entrelaçam em contextos de aprendizagem mediados pela cultura digital. A pesquisa também mobiliza as contribuições de Maria Teresa Eglér Mantoan (2003) e Carlos Skliar (2010), que discutem as dimensões éticas e políticas da inclusão, compreendendo-a como movimento de reconhecimento das diferenças e de reconstrução do espaço escolar.

Assim, esta metodologia busca sustentar uma análise original, crítica e integradora, que aproxima a revisão teórica da realidade educacional brasileira, reconhecendo o potencial das práticas narrativas e digitais como caminhos possíveis para uma educação mais inclusiva, participativa e significativa.

A dimensão netnográfica, por sua vez, orienta a observação e análise da fanfiction *A minha cor por você*, publicada na plataforma Wattpad, entendida como campo social e simbólico de interações. A netnografia, metodologia proposta por Kozinets (2010; 2015), adapta os princípios da etnografia às comunidades on-line, possibilitando compreender as práticas, valores e discursos que circulam nesses espaços digitais. No contexto desta pesquisa, o método visa identificar como a narrativa se estrutura, como os leitores interagem e de que modo se produzem significados relacionados à neurodiversidade e à inclusão.

Essa combinação entre revisão bibliográfica e netnografia permite articular o estudo teórico e a observação empírica, produzindo uma análise que une fundamentação conceitual e leitura interpretativa do corpus. O processo metodológico, portanto, orienta-se por uma lógica de triangulação: o diálogo entre teoria, observação e reflexão crítica. Nas subseções seguintes, serão detalhados os procedimentos adotados na investigação netnográfica e as etapas de coleta, organização e interpretação dos dados.

Existe uma grande importância de analisar como os outros veem o autista no decorrer da história, como o próprio autista se vê e se porta e qual é a principal nuvem de palavras que gira em torno do autismo na Fanfiction “*A minha cor por você*”. Estes ajudam a sustentar os sentidos na Fanfic.

Por ser um personagem introvertido e quieto, Jeon Jungkook é frequentemente visto como arrogante e pouco simpático (não se usa a palavra “antipático” no

texto, mas pode-se entender), o que é desmentido durante o decorrer da história. Conforme o personagem se solta com outros personagens, como Jimin, é possível perceber mudanças na utilização de palavras, como “consegue se expressar bem somente quando quer”.

Jungkook, nos capítulos em que a autora foca em seu ponto de vista (pois a narração é toda em terceira pessoa), também afirma prezar muito pela rotina, ter muita dificuldade de relacionar profundamente com as pessoas (prefere relacionamentos rasos e rápidos) e não gosta muito de ambientes não roteirizados. É possível ver em sua afirmação nesta fala, no “Capítulo 4 – Definitivamente a culpa foi do café”:

‘Eu até posso ser formado em comunicação e estar terminando meu doutorado nisso, mas minha maior dificuldade é de me comunicar bem com as pessoas. Eu acho muito difícil saber responder conforme o que elas vão responder de volta. Quando não tem um roteiro, igual em uma reunião ou coisas afins, parece que vou ficar louco.’ Negou simplesmente (NoOdlé, 2023, n.p).

É possível perceber que a autora da Fanfic se identifica com a descrição de neurodiversidade explicada por Judy Singer, e não com os estudos de medicina. Ela desconsidera qualquer outra visão, inclusive. É possível finalizar incluindo a fala de Jungkook no capítulo 11: “Olha, o autismo não tem níveis, você não é muito autista ou pouco autista. É como... um espectro de cores. Um arco-íris” (Noodle, n.p, 2023). Esta descrição é retomada intertextualmente e interdiscursivamente no processo de textualização da Fanfic.

A seguir, será tratado sobre o romance e a narrativa romântica entre Jimin e Jungkook na plataforma Wattpad, um ponto importante da *fanfiction*.

## DESENVOLVIMENTO

Serão feitos alguns recortes da *fanfiction*: “A minha cor por você” para aprofundar na análise e demonstrar que a autora tenta ser inclusiva e diversa, trazendo um ideal de diversidade que deveria estar contido em outras histórias mais presentes na mídia.

A *fanfiction*: “A minha cor por você” constrói um discurso que apresenta a neurodiversidade por meio da representação do personagem Jungkook, articulando um discurso literário específico que reflete a visão de mundo da autora e projeta uma imagem política e social sobre a neurodiversidade.

“Que você faça, não.” Negou. “Olha, o autismo não tem níveis, você não é muito autista ou pouco autista. É como... um espectro de cores. Um arco-íris. Por exemplo, o azul é não gostar de sons altos, o verde é não gostar de abraços, o laranja é não gostar de conversar, o roxo é ter dificuldades de iniciar uma conversa, o amarelo é fazer alguns movimentos repetitivos, e por assim vai. Cada autista pega um pouquinho só dessas cores e vira

um indivíduo próprio.” Tentou explicar, mexendo as mãos bem levemente enquanto falava (NoOdle, 2023, n.p.).

As cores, na ideia de “espectro de cores”, são símbolos que constroem o sujeito autista e o autismo em si. Esse significante, o espectro de cores, funciona como uma relação que desloca o sujeito autista de uma posição de patologia para uma posição de diversidade, colocando-o no centro de um discurso que o nomeia e o constitui de uma maneira diferente daquela imposta pela biomedicina e outras áreas.

Ao substituir a ideia hierárquica de níveis por uma representação cromática e fluida, o discurso da personagem rompe com a noção patologizante que reduz o autismo a gradações de gravidade ou funcionalidade. Essa imagem, profundamente simbólica, aproxima-se da perspectiva de Judy Singer e Nick Walker, para quem a neurodiversidade deve ser compreendida como uma variação natural da mente humana, e não como uma anomalia a ser corrigida.

A autora se apossa de um tema complexo e adota uma única perspectiva para construir a história, aquela que ela provavelmente se identifica mais, como neurodiversa. A *fanfiction* opera um movimento que suaviza as complexidades associadas à condição neurodivergente, transformando-a em um elemento de encantamento e fascínio. Isso é particularmente evidente na construção de Jungkook, cuja neurodiversidade é apresentada como uma característica que o torna único e especial, sem, no entanto, problematizar com constância os desafios sociais e emocionais enfrentados por pessoas neurodivergentes na realidade. Esse tipo de representação pode promover a inclusão ao normalizar a neurodiversidade.

A descrição do espectro como um “arco-íris” reforça o caráter múltiplo e individualizado da experiência autista. Cada cor representa uma característica singular (sensorial, comunicativa, emocional) e, ao mesmo tempo, compõe uma totalidade que pode ser medida em intensidade e reconhecida em diversidade. Do ponto de vista educacional, essa metáfora pode ser lida como um gesto pedagógico: a personagem atua como mediadora do conhecimento, traduzindo um conceito clínico em linguagem acessível e poética. Nesse sentido, a cena reproduz o que Vygotsky (1998) chamaria de mediação cultural, pois há um processo de significação coletiva em que o sujeito aprende e ensina ao mesmo tempo, construindo saberes pela interação simbólica.

Além disso, a fala “cada autista pega um pouquinho só dessas cores e vira um indivíduo próprio” evidencia a dimensão freiriana da aprendizagem pela diferença. Ao afirmar que cada pessoa do espectro é única, a personagem reafirma o princípio da educação inclusiva: o de que ensinar é reconhecer o outro em sua singularidade. Essa compreensão ressoa com a ideia de Paulo Freire (1996) de que o ato educativo deve partir da realidade concreta dos sujeitos, de seus modos de ser e de perceber o mundo. O gesto de “mexer as mãos levemente enquanto falava” também é altamente simbólico, pois humaniza o corpo autista e o insere na narrativa como corpo que fala, sente e ensina, uma ruptura importante frente às representações tradicionais que desumanizam ou silenciam sujeitos neurodiversos.

Do ponto de vista da educação midiática e cultural, a escolha de NoOdle (2023) em abordar o autismo através de uma metáfora sensorial é um exemplo de media education em ação (Rivoltella, 2008). A linguagem da *fanfiction* (próxima, imagética e empática) torna-se uma ferramenta de alfabetização emocional e cognitiva. Transformando conceitos científicos em símbolos narrativos, a autora convida o leitor a compreender a diversidade de forma sensível, não técnica. O texto atua como dispositivo pedagógico desta forma, promovendo empatia e desestigmatização, e como prática de letramento multimodal, pois ensina por meio da imagem, da cor e da linguagem literária.

“Eu, por exemplo,” continuou. “teria um pouco do azul, porque odeio sons altos. Também teria um pouco do roxo, porque nossa, eu não consigo iniciar uma conversa. Mas com você...” Virou o rosto para olhar o loiro. “Com você, as coisas estão fluindo de um jeito que eu nunca havia antes sentido. E era justamente nisso que eu estava pensando. O quanto eu me sinto diferente” (NoOdle, 2023, n.p.).

Neste trecho, a autora NoOdle (2023) retoma a metáfora das cores para situar o autismo como uma experiência subjetiva e afetiva, e não apenas diagnóstica. O personagem fala de si em primeira pessoa, reconhecendo traços de sensibilidade sonora (“odeio sons altos”) e de dificuldade comunicativa (“não consigo iniciar uma conversa”), mas, em vez de marcar essas características como limitações, ele as traduz como parte da própria identidade, como “teria um pouco do azul, teria um pouco do roxo”. Essa autodescrição é um gesto discursivo de autonomia e autoconhecimento: o sujeito neurodiverso nomeia sua diferença com propriedade, produzindo uma fala legitimada de dentro da experiência, e não sobre ela.

Essa passagem sintetiza a força das *fanfictions* neurodiversas como espaços de aprendizagem, de autoria e de representação. Elas operam como pontes entre o discurso científico e o discurso sensível, entre a teoria e a vivência, entre a norma e o afeto. No âmbito educacional, esse tipo de narrativa pode ser mobilizado para fomentar discussões sobre diversidade, linguagem e subjetividade, possibilitando que estudantes (neurodiversos ou não) aprendam a ler o outro e a si mesmos com respeito e curiosidade.

O discurso da neurodiversidade, ao propor o autismo como parte de um espectro diverso e colorido, carrega em si uma formação ideológica que questiona o modelo normativo da diferença. A autora realiza um deslocamento ao se apropriar da simbologia das cores e organização do universo do personagem autista, Jungkook. Esta apropriação é importante para ser compreendida no ponto de representatividade.

O trecho “O quanto eu me sinto diferente” devolve ao leitor o tema da diferença como valor, e não como falha. A personagem não se nega ou tenta se adequar; ela reconhece sua diferença como experiência identitária. Esse reconhecimento é o primeiro passo da inclusão, pois reflete o princípio freiriano de que “ninguém se educa sozinho, ninguém educa ninguém: os homens se educam em comunhão”. No contexto educacional, essa passagem convida professores e leitores a enxergarem



o autismo como diversidade cognitiva e afetiva, não como obstáculo. O texto literário, nesse sentido, funciona como um espelho pedagógico, uma narrativa que educa pela empatia e ensina pela escuta do outro.

Quando mandara mensagem para Namjoon avisando que iria participar da saída, avisara que deveria ser em algum dos lugares que ele aprovava, pois sabia que haviam assentos em que a música não era assim tão alta e que definitivamente não havia música ao vivo. Não, música ao vivo ele não podia aguentar, com aquela caixa de som no volume máximo virado para todas as mesas. Como podiam ao menos conversar sendo que nem seus próprios pensamentos não podia ouvir direito? Namjoon, então, conversara com Hoseok e, ambos sabendo do fato de que Jungkook era autista, decidiram escolher um dos lugares selecionados por ele (NoOdle, 2023, n.p.).

Neste trecho, NoOdle (2023) representa com sutileza e profundidade a dimensão sensorial do autismo, evidenciando como estímulos cotidianos (como sons altos, música ao vivo e ambientes superlotados) podem se tornar fontes de sobrecarga e sofrimento para sujeitos neurodiversos. A narração do desconforto auditivo (“nem seus próprios pensamentos não podia ouvir direito”) é tanto descritiva quanto experiencial: o leitor é convidado a sentir o mundo pela perspectiva autista, o que transforma a leitura em um exercício de empatia. Esse recurso literário faz da narrativa um instrumento de educação sensível, em que o leitor aprende pela emoção, e não apenas pela informação.

Do ponto de vista teórico, essa passagem ilustra a importância do modelo social da deficiência e da neurodiversidade, conforme defendido por Singer (1999) e Walker (2021). O problema não está no sujeito, mas no ambiente que não se adapta às suas necessidades sensoriais. A *fanfiction*, ao trazer esse olhar, rompe com a visão patologizante do autismo e reforça a ideia de que a inclusão começa pela escuta e pela adaptação do espaço. Essa perspectiva é central na educação inclusiva contemporânea, fundamentada em autores como Mantoan (2003) e Skliar (2010), que defendem que a escola e a sociedade devem se reorganizar para acolher os sujeitos em suas diferenças, e não o contrário.

A ação dos personagens Namjoon e Hoseok é igualmente simbólica. Ao respeitarem a necessidade de Jungkook e escolherem um local mais confortável, eles materializam o conceito de acolhimento e mediação social da aprendizagem, conforme proposto por Vygotsky (1998). O ato de ajustar o ambiente para permitir a participação ativa de Jungkook é um gesto pedagógico: é o reconhecimento de que a interação só se torna possível quando há condições de equidade comunicativa. Na teoria vygotskiana, o aprendizado se dá na relação com o outro, e, nesse caso, essa relação é construída a partir do respeito e da escuta.

Sob a ótica de Paulo Freire (1996), essa atitude também pode ser lida como uma prática de amorosidade e solidariedade, valores éticos que fundamentam o processo educativo. Freire defende que o diálogo verdadeiro só é possível quando se reconhece o outro como sujeito de direito, com sua voz e seus limites. Namjoon

e Hoseok, ao reorganizarem o espaço de convivência para incluir Jungkook, transformam a convivência em uma pedagogia do cuidado, na qual a escuta e o respeito substituem a imposição e o silenciamento. Trata-se, portanto, de uma cena que traduz, em linguagem narrativa, os princípios da educação inclusiva: escuta, adaptação e empatia ativa.

A *fanfiction*, ao retratar situações cotidianas de sensibilidade sensorial e social, funciona como dispositivo de letramento inclusivo. Ela educa o leitor ao mesmo tempo em que narra, ensinando-o a perceber o mundo pela lente do outro. A preocupação com o som, o espaço e o conforto é pedagógica e não trivial. Ao mostrar que pequenas atitudes podem transformar a experiência de um sujeito autista, NoOde (2023) aproxima a literatura da prática educativa, fazendo da ficção um campo de aprendizagem social e emocional.

“Na verdade, eu estou confuso. Só isso. Eu nunca fui muito de... sentir coisas. Eu sempre sinto intensamente, mas coisas mais racionais.” Seu sussurro se tornou um pouco mais alto, até que limpou a garganta para enfim dizer. “Não sei se você sabe disso, mas eu sou neurodiverso. Autista, para ser mais específico.” Assentiu, sem tirar o sorriso tranquilo do rosto (NoOde, 2023, n.p.).

Este trecho é um dos momentos mais significativos da *fanfiction* “A minha cor por você”, pois nele ocorre o que pode ser interpretado como um ato de enunciação identitária. Ao dizer “Eu sou neurodiverso. Autista, para ser mais específico”, o personagem se coloca discursivamente como sujeito de si, realizando o que Nick Walker (2021) descreve como autodefinição narrativa, um movimento político e linguístico que rompe com o discurso médico-normativo sobre o autismo. Aqui, o personagem não é diagnosticado por outro, mas se reconhece e se apresenta, exercendo autonomia sobre sua própria condição.

A construção “eu nunca fui muito de sentir coisas... mas sinto intensamente, coisas mais racionais” expressa uma tensão afetiva e cognitiva que revela o modo particular como o sujeito autista vivencia o mundo. Essa dualidade entre o racional e o emocional desmonta estereótipos que associam o autismo à ausência de afetividade. Pelo contrário, o texto mostra que há emoção, mas uma emoção que se organiza de forma diferente, que não se expressa pelos mesmos códigos neurotípicos. Trata-se de uma redefinição da afetividade sob a perspectiva neurodiversa, o que alinha a narrativa ao princípio da educação inclusiva: compreender que as diferenças de percepção, expressão e linguagem são parte legítima da diversidade humana.

Sob a ótica de Vygotsky (1998), esse momento representa um exemplo claro de mediação simbólica: o personagem usa a linguagem para organizar seu próprio pensamento, construindo sentido sobre sua experiência. A fala tanto comunica, quanto transforma a percepção de si. É pela palavra que o sujeito elabora sua identidade. Esse processo é essencialmente educativo, pois traduz o movimento vygotskiano de internalização pela linguagem: o conhecimento nasce na interação e retorna ao sujeito como consciência. Assim, ao se nomear “autista”, o personagem realiza um gesto de aprendizagem sobre si e, simultaneamente, ensina ao leitor uma nova forma de compreender o autismo.

Por outro lado, na perspectiva de Rivoltella (2008), esse trecho evidencia a dimensão ética e estética da média education: a expressão da identidade mediada pela linguagem digital é também um processo de formação moral. Ao escolher contar sua história, o personagem cria uma representação de si que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva. A *fanfiction* se torna, portanto, um espaço de educação emocional e midiática, no qual o leitor é convidado a refletir sobre a diferença, a empatia e a singularidade do sentir.

Do ponto de vista educacional, esse momento é exemplar para a prática da inclusão pela escuta. Quando o sujeito fala sobre sua neurodiversidade em primeira pessoa, a escola é convidada a ouvir. Esse tipo de narrativa, quando levado para o ambiente educativo, pode estimular discussões sobre identidade, diversidade e pertencimento, permitindo que alunos neurodiversos se vejam representados e que alunos neurotípicos aprendam a reconhecer outras formas de sensibilidade. A fala “Eu sempre sinto intensamente, mas coisas mais racionais” torna-se, assim, uma metáfora da aprendizagem inclusiva, em que todos sentem, mas nem todos sentem do mesmo modo, e é na escuta dessas diferenças que nasce o verdadeiro aprendizado.

“Neurodiverso é aquela pessoa que está dentro do espectro da neurodiversidade, que não é neurotípico.” Jungkook deu uma leve risada quando viu que isso somente fez com que Jimin estranhasse ainda mais. “Eu quero dizer que pode ser uma pessoa TDAH, com depressão crônica, Borderline, e, inclusive, autista. Que é o meu caso. Eu sou autista”, finalizou (NoOdlle, 2023, n.p.).

Nesse trecho, a *fanfiction* assume um caráter explicitamente educativo. O personagem Jungkook realiza um movimento didático de explicação, definindo o termo “neurodiverso” para outro personagem e, por consequência, para o leitor. Essa cena constitui um exemplo de pedagogia narrativa, na qual o ato de explicar se converte em gesto de inclusão. A definição de Jungkook é simples e acessível, que pode ser carregada tanto de potência, quanto de idealismo.

Do ponto de vista teórico, esse ato de explicação se inscreve no paradigma da neurodiversidade, cunhado por Judy Singer (1999) e posteriormente desenvolvido por Nick Walker (2021). Para Singer, a neurodiversidade não é um diagnóstico, é uma realidade biológica e social que engloba todas as variações neurológicas humanas. Walker complementa afirmando que o termo designa um movimento político e cultural que busca deslocar o foco da patologia para a pluralidade. Ao enunciar “Eu sou autista”, Jungkook não apenas se identifica, mas reivindica o direito de existir discursivamente fora da lógica médica e deficitária. A *fanfiction*, portanto, atua como um espaço de reivindicação simbólica, no qual o sujeito neurodiverso toma a palavra e redefine o significado de si.

“Mas você mesmo disse que o seu chefe não é assim tão legal. E se ele for um babacão?” Jimin ainda fez um bico, indeciso.

“Olha, ele não é um babacão, ele é só na dele. Eu acho que ele não vai, sinceramente, ele não queria ir para começo de conversa... Só se fosse muito bem convencido a ir” (NoOdlle, 2023, n.p.).

Analisando este específico recorte, o diálogo entre os dois revela as formas como eles se posicionam em relação à normatividade social e profissional, particularmente no que tange à neurodivergência. Jimin, ao questionar a possibilidade de o chefe de Taehyung (Jungkook) ser um “babacão”, demonstra um receio comum sobre as figuras de autoridade e especificamente aos neurodivergentes, o que traz à tona a ideia de exclusão e marginalização de sujeitos que não se conformam com as expectativas sociais. Taehyung, em sua resposta, aborda o chefe de forma ambígua (“ele é só na dele”), demonstrando uma forma de aceitação das diferenças que não busca encaixar o outro em rótulos negativos, mas reconhecer as complexidades do comportamento humano.

Como neurodivergente e autista, Jungkook é constantemente interpretado e reinterpretado pelo que é predominante nos meios midiáticos, que insiste em categorizá-lo dentro de uma normatividade que não o representa. Taehyung, ao refutar a ideia de que a reserva do chefe é um defeito, cria um espaço onde a diferença é valorizada.

“Bom dia.” Jungkook cumprimentou assim que todos os dois estavam devidamente sentados em volta da mesa oval grande, em suas cadeiras de rodinhas confortáveis, e o chefe mais novo estava já com o PPT colocado no computador, em slides grandes. “Chamei vocês aqui hoje para discutir algo de extrema importância para mim, mas que não tem a ver com a empresa em si, e sim, com algo que eu estou sentindo e não sei lidar muito bem.”

[...]

Mudou o slide do PPT e, no próximo, lia-se em caixa alta Times New Roman “O que eu sinto por Park Jimin? Uma tese curta com metodologia ativa, aplicada e empírica.”

“Não consigo entender o que estou sentindo atualmente pelo Park Jimin, o amigo do meu secretário Kim Taehyung” (NoOdlle, 2023, n.p.).

Ao analisar este recorte, é possível perceber que NoOdlle (2023) explora uma comunicação emocional que desafia os padrões convencionais ao colocar Jungkook (um personagem neurodivergente autista) em um contexto no qual ele se utiliza de uma ferramenta profissional, o PowerPoint, para expressar sentimentos. A escolha do PPT como meio de expressão aponta para uma singularidade em que Jungkook revela suas emoções de forma metódica e estruturada, característica que se afasta da norma emocional esperada.

A escolha dos termos no slide, como “tese curta com metodologia ativa, aplicada e empírica”, cria uma analogia entre a lógica científica e os sentimentos. Jungkook, ao estruturar o afeto de maneira técnica, enfatiza a proposta neurodiversa como um espaço onde a emoção pode coexistir com a lógica e a sistematização.

“Bem, sim, saímos algumas vezes, inclusive, eu tenho esse histórico de conversa e de saídas aqui nos meus slides do PPT, se eu puder mostrar então discutiremos o que é que eu posso estar sentindo porque eu...”

Hobi começou a rir ainda mais, mas Namjoon, que ria baixo e negava levemente, o interrompeu (NoOdle, 2023, n.p.).

O uso do PowerPoint também pode ser interpretado como um posicionamento subjetivo onde a emoção é mediada pela metodologia, um reflexo de como a neurodivergência frequentemente opera dentro do discurso dominante. Ao utilizar a linguagem e a estrutura de uma apresentação, Jungkook traduz seus sentimentos para uma forma compreensível para si mesmo.

A autora, ao fazer com que Jungkook utilize uma metodologia tão pouco convencional para expressar seu afeto, cria um espaço de contestação e legitimação para o discurso neurodivergente, onde as emoções podem ser geridas de acordo com as especificidades e limitações do sujeito. Em vez de ser apresentado como inadequado ou excessivamente racional, Jungkook reafirma sua individualidade e capacidade de amar dentro das suas próprias condições e práticas. Assim, o uso do PowerPoint afirma que a comunicação emocional dessa forma é igualmente válida e significativa, mesmo quando veiculada por métodos fora dos padrões dominantes.

Lembra quando eu expliquei que o autismo era como um espectro com diversas cores? Que uma cor significava fobia social, outra o medo de falar em público, e assim por diante?” Jungkook viu o outro assentir, portanto prosseguiu. “Eu também tenho uma cor só para meus sentimentos, e eu sinto com intensidade, quando isso acontece. Eu só não consigo expor com facilidade (NoOdle, 2023, n.p.).

Este recorte modifica a relação das “cores” como uma forma singular da narradora apresentar Jungkook, sua vivência no espectro autista e suas expressões emocionais. A escolha de descrever o autismo como um “espectro com diversas cores” e a intensidade com que ele sente seus próprios sentimentos introduzem elementos que desafiam a compreensão linear da afetividade e da subjetividade.

Jungkook menciona que sente com intensidade, mas não consegue expor facilmente seus sentimentos. Jungkook mostra que a intensidade pode existir independentemente da transparência ou da acessibilidade imediata ao outro. O uso das cores e a concepção do autismo como um espectro de emoções e características posiciona Jungkook fora dos discursos normativos e cria um espaço de compreensão e inclusão.

Se houvesse tempo, Jimin perceberia o quão sistemática era a organização do chefe da Soul: a cama estava perfeitamente organizada, uma poltrona virada em direção a uma mesa pequena redonda, um espaço no canto que levava a um closet extremamente grande, mas que mas continha roupas escuras e ternos do que qualquer outro guarda-roupa já viu (NoOdle, 2023, n.p.).

O recorte acima descreve um espaço físico que atua como uma extensão da identidade de Jungkook, revelando como sua organização sistemática e o cuidado com os detalhes refletem características próprias e comunicam, de maneira não verbal, nuances de sua personalidade. A organização precisa e cuidadosa do quarto de Jungkook indica uma preferência por ordem e previsibilidade, traços que frequentemente estão associados à neurodivergência, especialmente dentro do espectro autista. NoOdle (2023) trata, desta forma, de um espaço tipicamente comum entre os autistas, mas sem patologizá-lo.

NoOdle (2023) descreve o ambiente físico de modo minucioso, permitindo que o leitor perceba o mundo através do olhar de um sujeito que vive a ordem e a previsibilidade como formas de equilíbrio emocional e cognitivo. A organização sistemática do espaço traduz um modo de estar no mundo em que a coerência visual e a estabilidade do ambiente têm função de segurança. Assim, o texto constrói uma dimensão sensorial e simbólica do autismo, em que o espaço funciona como extensão do sujeito.

Sob a ótica da educação inclusiva, representada por autoras como Mantoan (2003) e Candau (2011), esse trecho tem valor formativo porque ensina sobre o respeito às diferenças cognitivas e às formas singulares de organização do mundo. Ao descrever o ambiente de maneira sensível e não patologizante, a autora coloca o leitor em contato com a experiência autista sem recorrer a estereótipos ou dramatizações. A cena convida à empatia e à reflexão, mostrando que a inclusão também se constrói na compreensão das pequenas diferenças do cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da *fanfiction* “A minha cor por você” evidencia que narrativas digitais produzidas por autores neurodiversos constituem espaços potentes de representação, aprendizagem e deslocamento discursivo. Ao transformar vivências autistas em metáforas sensíveis, imagens simbólicas e cenas cotidianas de afeto, a autora rompe com visões patologizantes e reinscreve a neurodiversidade no campo da singularidade e da legitimidade humana. A obra demonstra que a literatura digital pode operar como prática inclusiva ao convidar o leitor a ver, ouvir e sentir o mundo a partir de outras percepções, ampliando repertórios de empatia e compreensão.

Do ponto de vista educacional, tais narrativas revelam-se dispositivos formativos imprescindíveis em uma sociedade que busca reconhecer a diferença como princípio ético. A *fanfiction* analisada tanto entretém quanto educa, não no

sentido normativo, mas no sentido freiriano de provocar diálogo, escuta e leitura crítica da experiência do outro. Assim, a ficção escrita por fãs deixa de ser apenas um produto cultural e passa a atuar como um gesto político de existência: um lugar onde sujeitos neurodivergentes podem narrar a si mesmos e, ao fazê-lo, transformar também o olhar de quem lê.

## REFERÊNCIAS

- BUCKINGHAM, David. **Media education: literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: entre o mito e a realidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; ITO, Mizuko; BOYD, Danah. **Participatory culture in a networked era: a conversation on youth, learning, commerce, and politics**. Cambridge: Polity Press, 2016.
- KELLNER, Douglas. **Media culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the postmodern**. London: Routledge, 1995.
- KOZINETS, Robert V. **Netnography: doing ethnographic research online**. London: SAGE Publications, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Netnography: redefining ethnographic research for the digital age**. 2. ed. London: SAGE Publications, 2015.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Media Education: modelli, esperienze, profilo disciplinare**. Roma: Carocci, 2008.
- SINGER, Judy. **Neurodiversity: The Birth of an Idea**. Lexington: Judy Singer, 1999.
- SKLIAR, Carlos. **Incluir para excluir: a (im)possível inclusão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALKER, Nick. **Neuroqueer Heresies: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities**. Chico, CA: Autonomous Press, 2021.